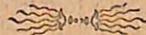


Garcia Redondo

Molestias e Bichos

COMEDIA EM 1 ACTO

*Representada pela primeira vez, por amadores, no
palco do Club Germania, em S. Paulo, no sarau
musical e artistico promovido pelo auctor
e realisado na noite de 28 de Janeiro de 1899*



SÃO PAULO
Typ. da Casa Eclectica—R. Direita, 6

1899

OBRAS DO AUCTOR

PUBLICADAS

Litterarias

O desfecho de um desafio—Pamphleto.

Arminhos—Contos.

O Attentado da rua de S. Leopoldo—Romance, de collaboração com Paula e Silva, Carlos Affonseca e João Guerra.

Caricias—Paginas intimas.

Perfil biographico do Dr. Bernardino de Campos, sob o pseudonymo: *Um contemporaneo*.

A Choupana das Rosas—Contos.

Molestias e Bichos—Comedia em 1 acto

Sobre diversos assumptos

A Fabrica de productos ceramicos Santa Cruz,

Cães de Santos—1.^a serie de artigos.

Cães de Santos—2.^a » » »

Esclarecimentos e informações sobre os serviços de agua e exgottos de S. Paulo.

Ergottos de S. Paulo—Memoria descriptiva do projecto, de collaboração com o Dr. Augusto Fomm.

Ferro-Via Pinhalense—Memoria descriptiva do projecto.

Carris de ferro de Sant'Anna—Memoria descriptiva do projecto.

Em prol da lavoua—Propaganda dos adubos chemicos.

O Municipio de Cunha e a cultura da vinha—Propaganda da polycultura.

Botanica elemental—De collaboração com Rodolpho Theophilus.

Ineditas

Bom Humor e Vida Airada—Paginas humoristicas.

Cartas a Sara—Paginas intimas.

Ensaios de critica litteraria e artistica.

Mario—Drama em 5 actos, representado na inauguração do Theatro Guarany em Santos pela Companhia Braga Junior.

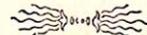
O Urso branco—Comedia em 1 acto.

Garcia Redondo

Molestias e Bichos

COMEDIA EM 1 ACTO

Representada pela primeira vez, por amadores, no palco do Club Germania, em S. Paulo, no sarau musical e artistico promovido pelo auctor e realisado na noite de 28 de Janeiro de 1899.



SÃO PAULO

Typ. da Casa Eclectica—R. Direita, 6

1899

AOS INTELLIGENTES AMADORES

que

*tão brilhantemente crearam os papéis
desta despretençiosa comedia na
noite de 28 de Janeiro de 1899*

Offerece, reconhecido

O AUCTOR

PERSONAGENS

Homens:

Felizardo Corcoroca, capitalista, 50 annos.....	Sr. Dr. Oscar de Sá Campello
Arthur do Bomsuc- cesso, ex-fazendei- ro, 28 annos.....	Sr. Dr. Affonso Geribello
Gouveia, fazendeiro, 55 annos.....	Sr. Dr. Felix Ferraz
Vasconcellos, nego- ciante, 45 annos..	Sr. Alfredo F. Garcia Redondo
Affonso. artista pin- tor, 22 annos....	Sr. Franklin Moura
1.º Desinfectador....	Sr. Ary F. de Miranda Azevedo
2.º »	Sr. Haroldo Fomm Schutel
Vendedores do <i>bicho</i>	Sr. Ary F. de Miranda Azevedo
Empregados do hos- pital de isolamento	N. N.

Damas:

Jacintha, mulher de Felizardo, 45 an- nos	D. Eunyce Macedo Soares
Emilia, filha de Ja- cintha, 20 annos..	D. Edith Capote Valente
Laura, filha de Gou- veia, 20 annos....	D. Eliza F. Garcia Redondo
Josepha, creada de Jacintha, 25 annos	D. Maria Fomm de M. Azevedo

A acção passa-se na Capital do Estado de S. Paulo.
Epocha—Actualidade.

Molestias e Bichos

ACTO UNICO

Sala de visitas modesta em casa de Felizardo Corcoroca. Portas ao fundo, dando para o exterior; portas á D. e á E. dando para o interior da casa. Mobilia simples. Sobre um dos consólos uma pequena cesta de costura.

Scena I.

FELIZARDO (SÓ)

FELIZARDO.—(*Para o publico*). Aqui, onde me vêm, sou casado com uma furia. E' ve-lha é feia, é teimosa e ainda em cima atra-i-çôa-me! Custa a crer, mas é a pura verda-de. Se fosse bonita e moça... vá; mas não, senhores, é feia como uma capivara, e toda-via ainda acha quem a queira! E' estupen-do! Dir-me-hão: «De que te admiras, Fe-lizardo Corcoroca, se tu a quizeste?» E' exacto, mas isso foi ha vinte e quatro an-nos e, n'esse tempo, além dos attractivos physicos, trazia ella um dote de arregalar o olho; mas hoje, que tem rugas até nos cotovelos e que não pôde armar á cobiça com o dote... porque esse está em meu po-der!... E' por isso que extranho que ella

tenha amantes. E deve tel-os, com certeza, porque já não é para mim o que era. Agora evita-me, vive cercada de mysterios e a dar suspiros. (*Pára e reflecte*). Aqui ha coisa! Se eu pudesse descobrir quem é o galopim com quem ella me atraçõa... (*ANDA de um para outro lado e, de repente, pára em frente á cestinha de costura*). A sua cesta de costura! Que achado! Quem sabe se não descobrirei aqui as provas do seu crime. (*Abre a cestinha, remexe n'ella e tira um maço de papeis*). Ora, vejamos o que é isto, (*Traz os papeis para a frente e lê*): «Nota da despeza do dia 14: Tres kilos de carne, um tostão de salsa».. (*á parte*) muito pouca salsa se come n'esta casa! (*Continuando a lêr*) «tres tostões de verdura, quinhentos réis de toucinho, dous mil réis de cóbra...» (*Interrompendo*) De cóbra! Pois ella dá-me cobra a comer!... Qual... isto não póde ser, ha de ser cabra. (*Verificando, horrorisado*) Mas não, é cóbra! cá está. Ah!... a jararaca quer envenenar-me com certeza. Só me faltava mais isto. Mas, vejamos até ao fim. (*Toma outro papel e lê*) «Despezas do, dia 15: Um kilo de bacalháu, mil réis de banha, tresentos réis de verdura, oitocentos réis de farinha, cinco mil réis de jacaré... (*Interrompe a leitura*) De jacaré! (*Fazendo uma careta*) Peuh!... pois eu comi jacaré!... (*Cospe com nojo*)

Não ha que ver: empurrou-me cóbra no dia 14 e jacaré no dia 15!... Foi por isso que andei oito dias a exgottar moringues de agua. Eu attribuia essa sêde insaciavel ao bacalháu, mas agora vejo que foi o jacaré... O jacaré!... (*Faz nova careta e cospe com nojo*) Que horror! Comer cobra e jacaré! (*Raivoso, amarrota os papeis*) Senhora Jacintha, senhora Jacintha... vai pagar-me tudo de uma vez; agora tenho as provas da sua tentativa de assassinato e em breve hei de ter as do seu adulterio (*Guarda os papeis no bolso*) Vou já prevenir a policia. (*Dirige-se para a porta do fundo*.)

Scena II

FELIZARDO E UM VENDEDOR DE BILHETES DE LOTERIA

O VENDEDOR DE BILHETES.—(*Apparecendo á porta, mysterioso, no momeato em que Felizardo vai sahir*) A patroa está?

FELIZARDO.—(*á parte*) O que quererá este sujeito? Será o amante? Fraca figura! (*Alto*) A patroa não está não; o que é que quer?

O VENDEDOR.—(*Insinuando-se*) Então vai hoje a cobrinha?

FELIZARDO.—(*Indignado—á parte*) A cobrinha! Ai! que este é o fornecedor das cobras que eu tenho comido! E' o cúmplice!... (*Alto*) Hoje não vai a cobrinha não,

vai mas é este pontapé... (*Toma a attitude de quem vae dar um pontapé*) seu bigorilhas.

O VENDEDOR.—(*Recuando, admirado*) O Sr. desculpe, patrão; mas, se eu aqui vim foi porque a patrão mandou...

FELIZARDO.—(*Furioso*) E ainda o confesas, bandido. (*Corre atrás do vendedor e ambos desaparecem pelo fundo.*)

(*Entra Jacintho pela direita,*)

Scena III

JACINTHA (SÓ)

JACINTHA.—Estou admirada de, até agora, não apparecer o meu freguez do bicho. Já puz a Josepha de alcateia na janella da cozinha e o homem... nada. Ha tres dias que dá o elephante e eu a seguir sempre a cobra e o jacaré. Mas, hoje dá a cobra com certeza. Se dér, como espero, são duzentos mil réis que porei na caixa economica para juntar ao que lá tenho. (*Senta-se*) Foi uma grande invenção esta do joguinho do bicho. Desde que comecei a comprar já ganhei cerca de dous contos e isto sem que o Felizardo o saiba. Quero fazer-lhe uma surpresa: No dia em que completar quatro contos de lucro, compro com elles a vitoria do Dutra, que está á venda.... E' o meu sonho dourado ter carro.

(*Entra Emilia pela direita.*)

Scena IV

JACINTHA E EMILIA

EMILIA.—Bom dia, mamãe.

JACINTHA.—Bom dia, Emilia. (*Estende a mão que, Emilia beija.*)

EMILIA.—Então, ainda está com muito palpito na cobra?

JACINTHA.—Ora... se estou. Ha tanto tempo que não dá... Vê tu: o elephante deu tres vezes seguidas e eu sempre atrás da cobra e do jacaré. Mas, hoje dá a cobra. Vou comprar dez mil réis n'ella.

EMILIA.—Pois, olhe, mamãe, eu sonhei com o burro.

JACINTHA.—(*Levanta-se*) Sonhaste com o burro? (*Interessada*) E era um burro de verdade? Um burro vivo?

EMILIA.—Era um burro vivo, de grandes orelhas, a pular pelo campo.

JACINTHA.—(*Vacillante*) Então, era um burro contente... Vão ver que dá hoje o burro. (*Reflectindo*) E' um palpito. Tambem eu, hoje, o primeiro animal que vi foi um burro na carrocinha do pão. Vou comprar no burro. (*Chamando*) O' Josépha, Josépha...

(*Entra Josepha pela direita, apressada.*)

Scena V

AS MESMAS E JOSEPHA

JOSEPHA.—O que é? minha senhora.

JACINTHA.—(*Tirando 10\$000 do bolso e entregando-os á criada*) Vai ali ao vendeiro da esquina e compra dez mil réis no burro.

JOSEPHA.—Sim, minha senhora (*Sae pelo fundo.*)

Scena VI

JACINTHA E EMILIA

JACINTHA.—Ah! se sae o burro... (*Para Emilia*) Viste hoje teu pae?

EMILIA.—Não; ha tres dias que só o vejo ao almoço e ao jantar e noto que elle anda irritado e pouco communicativo.

JACINTHA.—Isso é da dyspepsia. Sempre foi assim. De vez em quando, vêm-lhe a melancolia e as apprehensões e então fica intractavel. Diz o Dr. Machado que são effeitos da lua.

EMILIA.—Póde ser, mas a verdade é que papai está ficando insupportavel com as suas desconfianças e o seu azedume. Leva o dia inteiro a remexer nas nossas gavetas e a dizer cousas desagradaveis. Confesso-lhe que a vida que levo aqui é pouco invejavel. Foi por isso que acceitei o pedido que da minha mão fez o Sr. Arthur do Bomsuc-

cesso, a despeito de só o ter visto duas vezes e apenas o conhecer pela informação que d'elle nos deu papai... (*Senta-se.*)

JACINTHA.—A proposito: sabes que o teu noivo não dormiu esta noite aqui? (*Senta-se.*)

EMILIA.—(*Admirada*) Não, não sabia.

JACINTHA.—Foi a Josepha que m'o disse, logo que me levantei, quando lhe ia mandar o café.

EMILIA.—(*Pensativa*) Principia bem o tal Sr meu noivo!...

JACINTHA.—Que triste ideia teve teu pai de o convidar a hospedar-se aqui. Era melhor que morasse n'um hotel e te viesse ver todos os dias. Assim, nem tu terias uma decepção destas, nem estaríamos sujeitas aos commentarios das más linguas. Tudo isto são consequencias da dyspepsia, da maldita dyspepsia de teu pai, que o torna intratavel, caprichoso, desconfiado, inimigo d'aquelles que mais o estimam, infeliz...

EMILIA.—Infelizes de nós que o aturamos.

(*Entra Josepha pelo fundo*)

Scena VII

AS MESMAS E JOSEPHA

JOSEPHA.—O vendeiro manda dizer á senhora que, logo mais, traz o bilhete do

burro. Diz elle que tem os talões escondidos em casa de um amigo por causa da policia; que só mais tarde é que os pôde ir buscar.

JACINTHA.—(*Levanta-se*) Caricata policia! Leva a perseguir os que ganham honradamente a vida a vender o bicho e não vê que em cada canto ha uma roleta, duas duzias de gatunos e o celebre *cordão*...

EMILIA.—O cordão! Parece que, afinal, a policia agora vai dar um nó n'esse cordão. Os jornaes começaram a clamar...

JACINTHA.—Já não é sem tempo.

JOSEPHA.—Devo prevenil-a que á porta do vendeiro estava um secreta que eu conheço muito. E' um que tem cara de gato ou de tigre.

JACINTHA.—(*Estremecendo*) Gato e tigre! E' um palpite. Vou comprar n'elles. O que dizes, Emilia?

EMILIA.—(*Levanta-se—á parte*) Esta mãe!... por vontade d'ella, comprava em todos os bichos. (*Alto*) Eu, se fosse a senhora, só comprava em um bicho, mas se está com muito palpito no gato e no tigre compre n'elles mas não deixe de comprar no burro, que nunca falha, quando a gente sonha com elle. Não se lembra do que nos contou a sua comadre Januararia ha dias?

JACINTHA.—E' verdade: sonhou que tinha cahido de um burro, mas cahiu da camaabai-

xo e, como fez um gallo na testa, comprou no gallo.

EMILIA.—(*Rindo*) Comprou no gallo, mas n'esse dia deu o burro.

JACINTHA.—Tens razão. Não deixarei de comprar no burro. (*Para Josepha*) Volte ao vendeiro e diga-lhe que, além do burro, traga-me logo uma dezena no gato e outra no tigre, ultimas terminações.

JOSEPHA.—Sim, minha senhora. (*á parte, encami nhando-se para a porta do fundo*) Não faço outra cousa n'esta casa senão comprar bichos. A patrôa acaba maluca com este negocio. O mais engraçado é que eu tambem já vou gostando do tal joguinho. Hontem, comprei dous tostões no elephante e apanhei quatro mil réis: Agora, vou seguir o avestruz. (*Sae pelo fundo—Entra Arthur*).

Scena VIII

JACINTHA, EMILIA E ARTHUR

ARTHUR.—(*Entrando pelo fundo e, fingindo-se expansivo, corre para Jacintha e Emilia*) Ah! minha querida noiva e minha adorada mãe!.. relevem-me não as ter ainda comprimentado, hoje. Como tinha um negocio urgente, sahi cedo e esqueci-me de as prevenir.

EMILIA.—(*á parte*) Que grande mentiroso!...

JACINTHA.—(*á parte*) Que descaramento! Não dormiu aqui e vem dizer que sahiu cêdo!... (*Alto, dissimulando*) O Sr. não deve fazer cerimoniaes conosco.

ARTHUR.—E' muita bondade da sua parte. Que querem? tratava-se da venda da minha fazenda das Payneiras e eu não quiz perder a occasião de impingir essa espiga.

JACINTHA.—Então, essa fazenda não presta?

ARTHUR.—(*Risonho*) Pelo contrario, é um fazendão, mas é que agora, com a maldicta baixa do café, as fazendas nada valem e o melhor negocio é passal-as adiante. Foi o que fiz.

EMILIA.—Viu papai, Sr. Arthur?

ARTHUR.—(*Admirado*) Elle não está em casa?!...

EMILIA.—(*Ironica*) Não, tambem sahiu cedo, como o Sen.^r

ARTHUR.—Provavelmente, algum negocio?

JACINTHA.—E' de presumir.

ARTHUR.—Elle é um homem activo.

(*Ouve-se um rumor como de um objecto que cêe no interior da casa.*)

JACINTHA.—(*Sobresaltada*) Vão ver que foram os gatos do visinho que me entornaram o leite.

ARTHUR.—(*á parte*) Os gatos! Oh! que palpitel..

JACINTHA.—(*Para Arthur*) Com licença, vou saber o que foi. (*Sahe pela direita*)

EMILIA.—E eu tambem vou tractar dos meus canarios. (*Para Arthur*) O Sr. permite, não?

ARTHUR.—(*Fazendo uma mesura*) Mas sem duvida, sem duvida nenhuma, entre nós não deve haver cerimoniaes, minha querida noiva.

(*Sahe Emilia pela direita.*)

Scena IX

ARTHUR (SO')

ARTHUR.—E' adoravel esta pequena!—Que olhar! que voz! que meiguice! que delicadeza!.. e que... dote! Sim, porque ella tem todas as qualidades e por cima d'ellas possui um dôte, *avis rara* n'estes tempos *climatericos*. Estou ancioso por concluir este negocio, mesmo porque não posso continuar a vida que levo em S. Paulo. Cercado de credores, que me assaltavam em toda a parte e de todos os lados, vi-me forçado a lançar mão de um expediente engenhoso para os afastar d'esta casa emquanto o meu casamento se não realisa. A lembrança não foi má... (*sorrindo*) Ora, imaginem que escrevi uma carta a cada um d'elles, attribuindo molestias contagiosas ás pessoas da familia de meu futuro sogro. E' assim que, a esta hora, minha noiva passa aos olhos dos meus *cadaveres* por estar atacada de escarlatina, (*rin-*

do) o pai por ter febre amarella!...e a mãe...
(*leva á mão a bocca para sopitar o riso*)
por ter bexigas confluentes!...(Rindo forte) Bexigas confluentes! bastava isto para pôr todos os meus credores a mil leguas d'esta casa. Mas o diabo é que o estratagema obriga-me a ficar aqui encurralado o dia inteiro. Só posso sahir á noite. (*Pausa*) Embora; o essencial é que esta bõa gente ignore que eu já não tenho um vintem, que a roleta me levou tudo. Agora, estou arriscando uns miseraveis mil reis no joguinho do bicho, mas, como esse resto de cobre não pôde durar muito, torna-se indispensavel apressar o casamento. (*Batem á porta do fundo—caminhando para a porta*) Provavelmente é o nosso freguez dos bichos; digo *nosso*, porque aqui, desde a minha futura sogra até a creada, tudo joga. Só escapa o velho Felizardo. (*Abre a porta—Entram Felizardo e Affonso*).

Scena X

ARTHUR, FELIZARDO E AFFONSO

FELIZARDO.— Ah! é o Snr.? Folgo muito de o ver. (*Indicando Affonso*) Apresento-lhe meu sobrinho Affonso de Almeida, que vem hoje almoçar connosco. (*Indicando Arthur a Affonso*) Apresento-te o Snr. Arthur do Bomsucesso, importante fazendeiro do Oéste e noivo de tua prima Emilia. (*Arthur e Af-*

fonso trocam apertos de mão) E agora, que estão feitas as apresentações. dispensem-me por alguns instantes, em quanto vou mudar estas malditas botinas. (*Caminha para a porta da direita fallando e gesticulando, enquanto Arthur e Affonso, acompanhando-o com o olhar, descem para o centro da scena*) Nada consegui na policia; o idiota do delegado diz que as provas da tentativa de assassinato são fracas (*Ergue a mão em signal de ameaça*) Ah! mulherzinha de uma figa, has de pagar-m'o com lingua de palmo!.. (*Sae*).

Scena XI

ARTHUR E AFFONSO

ARTHUR.— (*Apontando para a porta por onde sahiu Felizardo*) O Snr. seu tio parece que tem alguma preocupação séria. Que dizia elle, percebeu?

AFFONSO.— Não senhor; mas, durante todo o trajecto que fizemos para chegar até aqui, notei que elle gesticulava e fallava baixinho.

ARTHUR.— (*á parte*) Quem sabe se o homem teve algum prejuizo em negocios? Isso seria o diabo; não me convem absolutamente que elle tenha prejuizos. (*Alto*) Mas, elle não lhe disse nada, não se queixou de nada?

AFFONSO.— Não senhor, só notei que estava preocupado e que fallava e gesticulava a miude.

ARTHUR.—E' singular! (*á parte*) E' preciso que eu descubra a causa d'essa preocupação.

AFFONSO.—Para lhe fallar com franqueza, devo dizer-lhe que as preocupações de meu tio, não me trazem apprehensões. O tio Felizardo sempre foi um exquisiteso. E' um dyspeptico, um nevropatha e, como tal, tem dias em que anda cabisbaixo como um carneiro, outros em que fica irascivel e aggressivo como um touro. Eu tambem sou algo dyspeptico.

ARTHUR.—(*á parte*) Carneiro e touro! outro palpito! Vou jogar n'elles. (*Alto*) Então a dyspepsia é mal de familia?

AFFONSO.—Não, é mal do seculo; toda a gente é mais ou menos dyspeptica.

ARTHUR.—(*á parte*) O diacho do rapaz é sentencioso e falla como um doutor!... (*Alto*) O Snr. é medico?

AFFONSO.—(*Sorrindo*) Não, Snr., sou apenas um modesto artista pintor.

ARTHUR.—Pintor! Muito bem, ha de fazer o meu retrato, quando eu me casar.

AFFONSO.—(*Sorrindo desdenhoso—á parte*) Espera por isso. (*Alto*) Não sou retratista, limito-me a fazer paysagens e quadros de genero.

ARTHUR.—(*á parte*) Quadros de genero! O que será isso? (*Alto*) E tem muita freguezia?

AFFONSO.—(*á parte*) Que impertinente! Espera que eu já te faço recolher a lingua. (*Alto*)

Vou tendo alguma. E o Snr., no que se occupa?

ARTHUR.—(*Familiar*) Ah! meu caro, eu cá occupo-me em jogar a roleta e o bicho... e nas horas vagas... (*Cahindo em si, leva a mão á bocca—á parte*) Oh! diacho!... lá me esqueci que estava fallando com o primo da minha noiva. (*Alto, querendo destruir o effeito da indiscrição*) Sim... jôgo a roleta na Penha, só nas festas da Penha e, quanto ao bicho, isso é lá uma vez ou outra para ter emoções. Afora isso, como lhe disse o Snr. seu tio, a minha occupação é na fazenda, plantando café e colhendo-o. (*Batem ao fundo*).

AFFONSO.—(*Virando-se para a porta*) Queira entrar. (*Apparece um vendeiro ao fundo, em mangas de camisa*).

Scena XII

OS MESMOS E O VENDEIRO

O VENDEIRO.—(*Fallando como um gallego*) A patrôa está?

ARTHUR.—(*á parte, dando rapidamente costas ao recémchegado*). O vendeiro da esquina! um dos meus credores! Oh! diabo! Esqueci-me de escrever a este dando-lhe conta das molestias que inventei para a gente cá de casa. Tratemos de nos pôr ao fresco. (*Encaminha-se disfarçadamente, para a porta da esquerda e por ella desaparece*).

AFFONSO.—(*Para o vendeiro*) Está, sim; o que lhe quer?

O VENDEIRO.—Benho trager-lhe a encumanda.

AFFONSO.—Espere um instantinho que eu vou chamal-a (*Virando-se para o lado em que devia estar Arthur*) Com licença.
Mostra-se surprehendido, de não ver Arthur, olha para todos os lados, sorri e dirige-se para a porta da direita onde se esbarra com Felizardo, que entra.

Scena XIII

AFFONSO, FELIZARDO E O
VENDEIRO

FELIZARDO.—Onde ias ?

AFFONSO.—Ia previnir a tia que está aqui um homem que lhe quer fallar.

FELIZARDO.—(*Arregalando os olhos*) Um homem! . . . que lhe quer fallar! Onde está elle ?

AFFONSO.—(*Apontando para o fundo*) Ali.

FELIZARDO.—(*Dirigindo-se ao vendeiro*) O que é que quer ?

O VENDEIRO.—Bim trageri a encumanda para a patrôa.

FELIZARDO.—Já sei, provavelmente é uma carta; da cá. (*Estende o braço*).

O VENDEIRO.—Não é carta, não xinhorí, é o vurro.

FELIZARDO.— O vurro ! que historia é essa do vurro ?

O VENDEIRO.—(*Admirado*) Pois o xinhorí num xabi ? Hom'essa ! icho até num parexe d'um home gravido como o xinhorí; pois o vurro é o vixo.

FELIZARDO.— O vicho ! (*Indignado*) Este bandido está a caçoar commigo. (*Avança exasperado para a porta, mas é detido por Affonso, que o segura delicadamente*).

AFFONSO.—O que vai fazer, meu tio, acalme-se.

FELIZARDO.—Pois tu não percebeste que este gallego é o mercurio insolente dos amantes de tua tia . . .

AFFONSO.—(*Indignado*) Oh ! meu tio não diga taes heresias, acalme-se, acalme-se. (*Segura Felizardo por um braço e faz signal ao vendeiro para que se retire*).

O VENDEIRO.—(*Retirando-se*) Não perxebi nada; o homem parexe que enloquexeu, (*Sae*).

Scena XIV

FELIZARDO E AFFONSO

FELIZARDO.—(*Querendo desembaraçar-se de Affonso*) Deixa-me Affonso; eu preciso quebrar as costellas áquelle patife.

AFFONSO.—Acalme-se, meu tio, pelo amor de Deus, não dê escandalos, isso não lhe fica bem.

FELIZARDO.—(*Exasperado, libertando-se de Affonso*) Mas como queres que eu não dê escandalos se tua tia atraíçôa-me descaradamente e premedita o mais horrivel dos attentados?... Imagina que essa megêra quer envenenar-me...

AFFONSO.—(*Indignado*) O snr. perdeu a razão, meu tio; atraíçoal-o! envenenal-o! a tia Jacintha! a mais honesta e a mais carinhosa das esposas!...

FELIZARDO.—(*Imperioso*) Asseguro-te, atraíçôa-me e quer envenenar-me, obrigando-me a comer côbras e jacarés e quanto bicho peçonhento ha por esses matos. Hoje, como viste, devia ser o *vurro*, que provavelmente é algum toxico tão violento como a strichinina ou o arsenico.

AFFONSO.—(*Sorrindo*) Qual meu tio, o *vurro*... é o burro.

FELIZARDO.—O burro! Então, o meu filé de hoje havia de ser de burro! De burro! (*Cruzando os braços*) E, achas que eu ainda estou em idade de andar experimentando comidas novas todos os dias?... E' por isso que eu tenho o estomago estragado. Se um dia é côbra... (*faz uma careta de nojo*) outro dia é jacaré... (*cospe*) outro dia é burro!... Imagina o que tenho eu comido desde que me casei. Nem do sapo escapei. (*faz nova careta e cospe*).

AFFONSO.—(*Sem poder conter o riso*)

Qual!... meu tio, isso não passa de suspeita, Então, a tia é capaz de lhe dar sapo ao jantar?... Acalme-se, o snr. está muito exaltado.

FELIZARDO.—Exaltado! Até tu conspiras, Affonso? Olha, (*bate no bolso do casaco*) tenho aqui as provas, as provas esmagadoras com as quaes hei de confundir a adúltera que me quer assassinar. Has de vel-as. (*Dirigindo-se para a direita*) Vou ver se descubro mais alguma cousa e volto á policia. Exigirei um inquerito rigoroso, isto não pôde continuar assim. (*Sae pela direita*).

Scena XV

AFFONSO (SO')

AFFONSO.—(*Seguindo Felizardo com os olhos*) Decididamente o tio Felizardo está precisando de *douches*. Agora está com a mania das traições. Eu imagino o que a minha adorada prima Emilia deve ter soffrido com este casamento que elle lhe impoz. Emilia!... mais do que ella, talvez, soffro eu, que a amo e tenho de me resignar a vel-a nas garras de um especulador, de um jogador arruinado. (*Pausa*) Mas isto não pôde ser, ella não será desse galopim desbriado; vou prevenil-a, vou dizer-lhe o que sei, ella ha de se oppôr, esse casamento não se realisará. (*Dirige-se para a porta da D. e esbarra em Emilia que vem entrando*).

Scena XVI

AFFONSO E EMILIA

EMILIA.—(*Admirada*) Oh! estava aqui, primo Affonso? (*Aperta-lhe a mão alegremente, com intimidade*).

AFFONSO.—(*Sem deixar a mão de Emilia, que retém entre as suas*) E' verdade, prima Emilia; aqui estou e ia procurá-la expressamente para communicar-lhe uma cousa importantissima.

EMILIA.—E grave?

AFFONSO.—Muito grave, porque d'ella depende a sua ventura ou desventura.

EMILIA.—(*Olhando-o com meiguice*) Então, diga já, enquanto estamos a sós.

AFFONSO.—(*Depois de olhar para um e outro lado, conduz Emilia para a frente*) Diga-me: conhece o noivo que lhe destinam?

EMILIA.—Não, ou antes, comecei a conhecê-lo hoje. Parece-me um homem de baixa extracção e de costumes um tanto livres.

AFFONSO.—Precisamente. E' um jogador de roleta, um ex-fazendeiro arreventado, sem vintem, crivado de dividas, que quer restaurar a fortuna á custa dos haveres de seu pai.

EMILIA.—Isso eu já suspeitava; mas resignava-me a esse casamento só para me ver livre das importunações de papai, que

anda intoleravei com as suas desconfianças e o seu mau humor constante.

AFFONSO.—E para libertar-se d'esse martyrio, atirava-se aos braços do primeiro homem que lhe impuzeram, sem se lembrar que poderia fazer a sua e a infelicidade de outro, mais digno de ser seu esposo, mais desinteressado e que a ama verdadeiramente?... (*Pausa—Olhando-a ternamente*) Não se lembrou de mim, Emilia, de mim que a idolatro, não pelo dinheiro que seu pai possui, mas unica e exclusivamente pelos seus encantos e qualidades?

EMILIA.—(*Com alegria*) Então, é certo que me amas, Affonso? (*Receiosa*) E os teus versos, os teus sonetos, os teus madrigaes a condessas e duquezas, que tens publicado no *Popular* e na *Revista do High-Life*?

AFFONSO.—Phantasias, puras phantasias, minha querida Emilia. Isso não sahiu do coração, sahiu da cabeça. A's duquezas e condessas imaginarias faço sonetos, como faço quadros, puros objectos d'arte, para mostrar ao publico: mas a ti, minha querida Emilia, faço madrigaes, que occulto, que não publico, porque são feitos para ti só...

EMILIA.—(*Com ternura*) E' bem verdade isso que me dizes?

AFFONSO.—Juro-o.

EMILIA.—Pois eu tambem juro que não

serei esposa d'esse aventureiro a quem papai me quiz entregar. Serei tua, só tua.

AFFONSO.—Ah! Anjo adorado! (*Atrahe-a a si e abraça-a—Ouvem-se passos e vozes ao fundo.*)

EMILIA.—(*Prestando atenção ao rumor e desembaraçando-se dos braços de Affonso*) Provavelmente, é papai que regressa. Saíamos, Affonso. (*Saem pela direita—Entram Gouveia e Laura pelo fundo.*)

Scena XVII

GOUVEIA E LAURA

(*Entram, pé ante pé, como quem não quer fazer barulho, trazendo, cada um, uma malla de viagem, que pousam sobre cadeiras.*)

GOUVEIA.—(*Pousando a malla*) Cá estamos no fóco, mas não tenho receio, Laura, porque trouxe grande provisão das minhas pilulas preservativas da febre amarella. Quando, em 89, houve a grande epidemia em Campinas, eu lá estive, e graças a essas maravilhosas pilulas, não apanhei a peste. E' tomar tres por dia e pôr a alma ao largo. Eu já estou tão habituadinho qua ha dias em que tomo seis e até mais. Queres tomar mais uma?

LAURA.—Obrigada, papai. Já tomei uma esta manhã e não receio nada. A minha

prophylaxia é a hygiene. Eu penso que com hygiene ninguem apanha molestias infecciosas.

GOUVEIA.—(*Admirado—á parte*) E' uma doutora!.. sabe tudo esta rapariga!..(*Alto*) Tu diceste agora?... Repete essa palavrinha final...

LAURA.—Infecciosas.

GOUVEIA.—(*Puchando uma carteira e escrevendo*) Vou tomar nota. Gostei da palavrinha e hei de empregal-a assim como hei de empregar tambem a outra, a que diceste antes. Repete-a lá...

LAURA.—(*Sorrindo*) Prophylaxia.

GOUVEIA.—(*Tomando nota na carteira*) Perspicacia, é isso mesmo.

LAURA.—Não é perspicacia, papai, é prophylaxia.

GOUVEIA.—Ou isso. (*Escreve*) Muito interessantes esses doustermos... muito interessantes e pouco usados.

LAURA.—(*Olhando para um e outro lado*) Mas, onde estará essa gente?

GOUVEIA.—Provavelmente estão no quarto do doente, fazendo-lhe companhia.

LAURA.—Eu vou ver, papai.

GOUVEIA.—Vai, eu espero-te aqui e não te esqueças de sondar sobre o almoço porque nós estamos em jejum. (*Senta-se—Sae Laura pela direita.*)

Scena XVIII

GOUVEIA (SO')

GOUVEIA.—Que surpresa vamos causar a esta bôa gente, quando souberem que viemos passar aqui oito dias para os ajudar a tractar do compadre Felizardo! Quando o Rabello me disse, na Mococa, que o Felizardo estava com a febre amarella, voltei logo para o *sítio* e disse á Laura:

«Filha; *amicus certus na regra incerta serve-nos*—regrinha esta que me ensinou o defuncto vigario Pantaleão.» E accrescentei logo: «O teu padrinho Felizardo agarrou a amarella: vamos ajudar a comadre Jacintha que ha de precisar de nós; eu não tenho receio de apanhar a molestia porque levo as pilulas, tu tambem nada receias com a tua *prosopilacia*. . . Vamos lá. E cá estamos. (*Consulta o relógio*) Dez e trez quartos! Parece-me que já não pilho o almoço.

(*Entra Arthur pela esquerda trauteando uma musica de opereta e pára subitamente ao deparar com Gouveia*).

Scena XIX

ARTHUR E GOUVEIA

ARTHUR. — (*Cumprimentando Gouveia*)
Deseja alguma cousa?

GOUVEIA.—(*Retribuindo o cumprimento — á parte*) Quem será este sujeito? Ha de

ser o medico (*Alto*) Vim vizitar o compadre Felizardo e ajudar a comadre Jacintha a tratá-lo.

ARTHUR.—(*Admirado*) A tratá-lo?! (*á parte, olhando com desconfiança para Gouveia*) Será um maluco? (*Batendo na testa*) Vou jurar que este freguez esteve com algum dos meus credores e d'elle soube das molestias que attribui ás pessôas cá de casa. Mau! mau! Com esta não contava eu. E' preciso pol-o d'aqui para fóra, quanto antes, senão deita tudo pela agua abaixo. Nada de perder tempo. (*Alto—Para Gouveia*) Mas a sua vinda a esta casa foi uma grande imprudencia, permitta que lh'o diga; a molestia é contagiosissima. . .

GOUVEIA.—(*Sorrindo, desdenhoso*) Eu cá não tenho medo; com as minhas pilulas preservativas da febre amarella, que nunca falharam, não receio a molestia. Quer o Snr. experimentar? (*Pucha do bolso uma caixiúha que abre e cujo conteúdo offerece a Arthur.*)

ARTHUR.—Obrigado, não uso. (*Desapontado, á parte*) Que diabo! Este pateta desnor-teou-me com as taes pilulas preventivas da febre amarella. E' preciso intimidá-lo com outra molestia, para que elle se raspe quanto antes. (*Alto*) Mas não é da febre amarella que o Snr. deve ter receio. Temos por cá cousa peor.

GOUVEIA.—(*Aproximando-se*) Cousa peor! (*Tira uma pilula da caixinha e engole-a*) Então o que é?

ARTHUR.—E' a escarlatina,

GOUVEIA.—A escarlatina! (*Tira nova pilula, que engole*) A escarlatina! E isso é molestia in... in... infructuosa? (*á parte*) Parece-me que não foi esta a palavrinha que ouvi á Laura. (*Pucha rapidamente a carteira e lê—Alto*) Quero dizer!! infeciosa?

ARTHUR.—(*Sorrindo, á parte*) Que typão! (*Alto*) E' infeciosa, estrondosa, espantosa, contagiosa e *inescapatosa*; emfim, para que avalie, basta que lhe diga que, quando essa horrorosa molestia invade um bairro, em 24 horas, mata tudo. (*Gouveia, tira nova pilula da caixa e engole-a*) Não respeita sexo, nem idade, nem condições sociaes. Os que são atacados por ella ou morrem ou ficam estropiados para toda a vida!.. Dos que escapam quasi todos ficam doidos!...

GOUVEIA.—Doidos! Doido já estou eu ficando com esta noticia (*á parte*) E' caso de tomar outra pilula por precaução (*Engole nova pilula*).

ARTHUR.—(*Sorrindo*) Por que está o Snr. a engulir pilulas a cada momento?

GOUVEIA.—Ora, essa!.. Pois não lhe disse já que ellas são preservativas.

ARTHUR.—Sim, mas de febre amarella.

GOUVEIA.—Homem, eu tenho fé que ellas tambem servem para a escarlatina.

ARTHUR.—(*á parte*) E' duro, o tal pãlerma? (*Alto*) Fie-se nisso; não saia já d'aqui e ha de ver que não tarda a contrahir a molestia.

GOUVEIA.—E os symptomas? Diga-me que symptomas apresenta a escarlatina.

ARTHUR.—Os symptomas são horrorosos. Começa por uma dôr de barriga medonha que obriga o doente a rebolar-se pelo chão aos bêrros.

GOUVEIA.—E não é que eu já estou sentindo qualquer cousa aqui. (*aponta para a barriga*) Talvez seja fome, eu ainda não almocei. (*Toma uma nova pilula*).

(*Ouve-se a voz de Felizardo como quem vêm entrando pelo fundo*).

ARTHUR.—(*á parte*) O Felizardo! Oh! diabo!.. estou perdido!.. tudo se vai descobrir agora... O que hei de eu inventar para descalçar esta bota! (*Bate na testa—aproximando rapidamente a bocca do ouvido de Gouveia*) Ahi vem o Felizardo que, provavelmente, escapou da cama n'um dos seus delirios da febre amarella. Não lhe falle em febre amarella porque elle ignora que está com ella; não lhe falle tambem na escarlatina para o não aterrar... cuidado! discricção!...

(*Entra Felizardo pelo fundo*).

Scena XX

ARTHUR, GOUVEIA E FELIZARDO

FELIZARDO.—(*Parando, admirado, ao ver Gouveia*) Tu! por aqui, compadre Gouveia!

GOUVEIA.—(*Espantado, á parte*) Com febre amarella e de sobrecasaca! Que horroso delirio!... (*Toma uma pilula—Alto*) E' exacto, vim com a Laura passar oito dias contigo.

FELIZARDO.—Pois chegaste a proposito para assistir ao casamento da Emilia aqui com o snr. Arthur do Bomsucesso, fazendeiro do O'este. Conheces?

GOUVEIA.—Comecei a conhecel-o agora, depois que cheguei.

FELIZARDO.—Então já sabias da novidade?

GOUVEIA.—(*á parte*) O delirio deu-lhe para imaginar que a filha vai casar; o melhor é não contrariar-o. (*Alto*) Já sabia, sim; e tu, como vais passando?

FELIZARDO.—(*Enrugando o semblante*) Como vou passando? Uma vida infernal... Depois te contarei o que tenho soffrido.

GOUVEIA.—E no entanto quem te vê não dirá que estás com a febre...

ARTHUR.—(*Intervindo*) Sim, sim, não fallemos em cousas tristes... (*á parte*) Que refinado idiota!.

FELIZARDO.—Mas tu fallaste ahi em febre; a que febre te referes?

ARTHUR.—(*Fazendo signaes a Gouveia*) Uma simples figura de rhetorica. Aqui o Snr. Gouveia queria referir-se simplesmente á febre... como direi? sim, á febre do entusiasmo pelo casamento que se vai realizar.

GOUVEIA.—(*Engulindo uma pilula, meio engasgado*) E' is...so.... é is... so.... mesmo.

FELIZARDO.—Mas... porque estás ahi a engulir pilulas. Estás doente?

GOUVEIA.—Não, é por causa da febre...

FELIZARDO.—Da febre! Outra vez!... Andas então com a mania das febres?

ARTHUR.—(*Intervindo e fazendo signaes a Gouveia*) Aqui o Snr. Gouveia já me explicou que era uma simples precaução para evitar certas molestias da quadra calmosa que atravessamos. Não é exacto?

GOUVEIA.—Exactissimo.

(*Batem. Felizardo volta-se para o lado da porta e depara com um vendedor de bilhetes do bicho que apparece ao fundo.*)

Scena XXI

FELIZARDO, ARTHUR, GOUVEIA E
O VENDEDOR DE BILHETES

FELIZARDO.—(*Para o vendedor*) O que quer?

O VENDEDOR.—(*Da porta*) Bim trager as degenas que a patrôa encummendou.

FELIZARDO.—Dezenas! De que?

O VENDEDOR.—Do gato e do trigue.

FELIZARDO.—Uma dezena de gatos e outra de tigres!.. (*Pondo as mãos na cabeça*) Esta mulher enlouqueceu! (*Cruza os braços*) E' isto, amigo Gouveia; não contente de me envenenar com cóbras e jacarés, arruína-me, comprando dezenas de gatos e de tigres!.. Mas, para que os quererá ella? E' onde os vai metter?... Isto é de mais! E' preciso acabar com este desaforo. (*Avança furiosamente para o vendedor de bilhetes, no intuito de agredil-o*).

ARTHUR.—(*Correndo após Felizardo para impedir a aggressão*) Snr. Felizardo, o que é isso?... acalme-se.

(*Felizardo sae atrás do vendedor, que foge, e Arthur atrás de Felizardo*).

Scena XXII

GOUVEIA (SO')

GOUVEIA.—Pobre Felizardo! Que horroroso delirio! (*Pausa*) E eu até agora sem almoçar! Que vieste tu fazer aqui, Gouveia? Arriscar a pelle com a escarlatina e ficar em jejum! E a minha pobre Laura, que está lá dentro!... O que lhe terá succedido?... Santo Deus! E' preciso salvá-a. Vou buscá-a, mas por precaução... (*Engole outra pilula*).

(*Dirige-se para a porta da D. quando batem ao fundo. Volta e vai abrir—entra Vasconcellos.*)

Scena XXIII

GOUVEIA E VASCONCELLOS

GOUVEIA.—O amigo Vasconcellos! ha que tempo que o não vial... Venham de lá esses ossos... (*Abraça-o*).

VASCONCELLOS.—Effectivamente, ha bem tempo já que nos não viamos. Como vai essa bizzarria?

GOUVEIA.—Graças á minha robustez e ás pilulas, não ha mal que me chegue.

VASCONCELLOS.—Então, vieste á capital passeiar um pouco?

GOUVEIA.—Não, vim ajudar a comadre Jacintha.

VASCONCELLOS.—(*Mudando repentinamente de tom*) Ah! é verdade, é verdade. Tambem eu vim por causa d'ella. Somos irmãos de leite e, desde que soube que a pobresinha estava doente, corri a vel-a. Depois, como já tive bexigas, não receio o contagio.

GOUVEIA.—Bexigas! (*Recuando horrorizado*) Você disse bexigas?!

VASCONCELLOS.—Pois não sabes que a molestia que ella tem é a bexiga confluenta...

GOUVEIA.—(*Abrindo apressadamente a*

caixa de pilulas e engulindo uma) Bexigas confluentes! que horror! Santo Deus! onde viemos nós cahir!.. (*Gritando*) Laura, ó Laura...

VASCONCELLOS.—Não sabias então?..

GOUVEIA.—(*A tremer, aterrado*) Não sabia, não; só sabia que o compadre estava com a febre amarella.

VASCONCELLOS.—O Felizardo? !..

GOUVEIA.—Sim.

VASCONCELLOS.—(*Rindo*) O Felizardo!... com febre amarella! Isso não pôde ser, você está a sonhar, Gouveia. Não ha dous minutos ainda que vi o Felizardo a correr atraz de um sujeito, ali na Praça da Republica.

GOUVEIA.—E' isso mesmo, está no delirio.

VASCONCELLOS.—No delirio! (*Rindo*) E' boa! (*Olhando fixamente para Gouveia—á parte*) No delirio estás tu. (*Alto*) Qual, você está enganado, Gouveia; quem tem febre amarella não se levanta da cama.

GOUVEIA.—Pois eu affirmo-lhe que o Felizardo está com a amarella e da legitima. E, bom tomar cautella. Quer uma? (*Offerece-lhe a caixa das pilulas.*)

VASCONCELLOS.—(*Muito admirado, olhando para a caixa*) O que é isso?

GOUVEIA.—Pilulas.

VASCONCELLOS.—Ora, pilulas! que são pilulas vejo eu; mas para que servem?

GOUVEIA.—Preservam da febre amarella. Pódes tomar sem receio, que nunca faham.

VASCONCELLOS.—(*á parte*) O Gouveia sempre foi pateta, mas parece que agora ensandeceu de todo. (*Alto*) Não, não quero, obrigado; da amarella do Felizardo não tenho medo; se fosse outra molestia...

GOUVEIA.—Mas, olha, que tambem temos por cá a escarlarina.

VASCONCELLOS.—E' boa! é bexigas, escarlatina e febre amarella! Estamos n'um hospital. (*á parte*) Não ha duvida, o Gouveia está com o miolo molle. (*Ouve-se a voz de Jacintha—Alto*) Parece que ahi vem alguém (*Entra Jacintha pela direita*).

Scena XXIV

VASCONCELLOS, GOUVEIA E

JACINTHA

VASCONCELLOS (*Olhando admiradissimo para Jacintha*) O que! pois já de pé?!...

JACINTHA.—O mano Vasconcellos! O compadre Gouveia! quanto estimo vel-os (*Aperta a mão de Vasconcellos e de Gouveia com effusão*).

VASCONCELLOS.—(*No auge do espanto*) Esta agora é melhor!..

GOUVEIA.—(*Muito admirado*) Ora, esta!...

JACINTHA.—Que estão vocês ahi a olhar pasmados para mim?

VASCONCELLOS.—(*Dissimulando e fazendo signaes a Gouveia*) Realmente, estamos admirados de a ver tão forte e tão sadia, mana Jacintha.

GOUVEIA.—E' exacto. Nunca a vi tão forte nem tão bem disposta. Ninguem dirá que teve bexigas.

JACINTHA.—Bexigas !

VASCONCELLOS.—(*Fazendo signaes a Gouveia*) Sim, bexigas. Quer dizer o Gouveia que você está tão bem disposta, que até os signaes das bexigas loucas, que teve em creança, desapareceram todos.

JACINTHA.—Ah! Felizmente não ha mal que me chegue. O Felizardo é que anda muito atacado da dyspepsia. Já o viram?

VASCONCELLOS E GOUVEIA.—(*Juntamente*) Já, já o vimos.

JACINTHA.—E a Emilia? Já estiveram com ella?

VASCONCELLOS E GOUVEIA.—Não, ainda não.

JACINTHA.—Então, esperem um pouco que a vou previnir. (*Sae pela direita*).

(*Entra Felizardo pelo fundo, vociferando*).

Scena XXV

FELIZARDO, GOUVEIA E

VASCONCELLOS

VASCONCELLOS.— Que é isso, Felizardo, vens zangado ?

FELIZARDO.—Tu! por aqui, Vasconcellos! (*Abraça-o*) E' verdade; ando zangado, enfaradissimo. Essa maldita mulher pôe-me os miolos em agua. Ainda acabo no hospicio.

GOUVEIA.—(*á parte*) Que delirio infernal!.. (*Alto*) Acalme-se, Felizardo. Olhe, sente-se aqui, (*indica uma cadeira*) você precisa descansar.

FELIZARDO.—Ora, deixa-me, Gouveia, estou bem.

VASCONCELLOS.—(*á parte*) Não ha duvida, este tambem está soffrendo da bola. (*Alto, para Felizardo*) Fallaste ahi em mulher. Quem é? alguma amante?

FELIZARDO.—Amante! Estás doido! E' minha mulher, é a Jacintha, que os tem e que quer envenenar-me.

VASCONCELLOS.—(*Olhando admirado para Felizardo*—*Alto*) A Jacintha! Então a Jacintha deu-lhe para deitar derriço aos cincoenta annos quasi! E' bôa!...

FELIZARDO.—Sim, deu-lhe para ter velleidades de rapariga e jurou extinguir-me dando-me a comer cóbras, jacarés e quanto reptil existe.

GOUVEIA.—Por fallar em comer: olha, que eu ainda estou em jejum; vocês já almoçaram?

FELIZARDO.—Não sei, eu agora não como mais em casa. Se vocês estão dispostos a comer sapos e lagartixas, entrem, que tal-

vez encontrem esses manjares lá dentro.

GOUVEIA.—Com o apetite que tenho, até aranhas comeria.

FELIZARDO.—Pois então, entrem. Eu preciso fallar com o meu futuro genro. (*Segue para a esquerda*).

VASCONCELLS.—(*Apontando para Felizardo—á parte*) Coitado! Nunca pensei que chegasse a este estado!

GOUVEIA.—Vamos, amigo Vasconcellos, vamos ver se nos dão almoço. A fome é tal que já nem penso mais nas molestias.

(*Saem Vasconcellos e Gouveia pela direita e Felizardo pela esquerda Entram pelo fundo dous desinfectadores.*)

Scena XXVI

DOUS DESINFECTADORES

1.º DESINFECTADOR.—(*Parando á porta e olhando para todos os lados*) Não está ninguém! Provavelmente, o doente morreu.

2.º DESINFECTADOR.—(*Entrando até ao meio da sala com dous frascos nas mãos e olhando para um e outro lado*) Não tem ninguém, não, podes entrar.

1.º DESINFECTADOR.—(*Entrando com dous frascos de chlorureto de cal nas mãos*) E então?

2.º DESINFECTADOR.—Então, o que temos de melhor a fazer é começar a desinfecção. Fomos mandados para isso e não ha tem-

po a perder, porque ainda temos de remover colchões e camas e levar tudo para o desinfectorio.

1.º DESINFECTADOR.—Nesse caso, começemos.

(*Os dous desinfectadores começam a espalhar o conteúdo dos frascos pelo soa-lhos e pelos moveis, demorando algum tempo n'esse trabalho*).

1.º DESINFECTADOR.—(*Olhando em torno da sala*) Isto por aqui já está desinfectado. Vamos agora áquelle quarto (*Aponta para a porta da esquerda—Os dous desinfectadores penetram pela porta da esquerda.—Momentos depois, ouve-se grande rebo-liço e surgem en scena os dous desinfec-tadores perseguidos por Felizardo*).

Scena XXVII

FELIZARDO E OS DESINFECTADORES

FELIZARDO.—Bandidos! Entrarem-me em casa sem permissão minha!

1.º DESINFECTADOR.—(*Defendendo-se atrás de um movel*) Mas, senhor, nós fomos mandados. Quando entramos, não tinha ninguém e então pensamos que o *defuncto* já tinha morrido.

2.º DESINFECTADOR.—(*Agachando-se atrás de uma cadeira*) Desculpe, patrão, nós fomos mandados... o Snr. deve comprehender...

FELIZARDO.—(*á parte*) Tudo me acontece!

(Alto) Canalhas. Em que estado me puzeram a casa!...

1.º DESINFECTADOR.— Mas o Snr. ha de desculpar, patrão, nós fomos mandados pela repartição Sanitaria... nós não temos culpa...

FELIZARDO.—Galopins! Esperem que já os ponho á sombra. (*Tira um apito do bolso e começa apitar*).

(*Apparece Gouveia á porta, da D. com a bocca cheia e um guardanapo ao pescoço, e logo após Vasconcellos*),

Scena XXVIII

FELIZARDO, OS DESINFECTADORES,
GOUVEIA E VASCONCELLOS

GOUVEIA.—(*Espantado*) Chi!.. que cheiro está aqui!... Em que estado está esta sala! Cheira a cadaver!... (*Toma uma pilula*).

VASCONCELLOS.—Oh! diabo! os desinfectadores! E fui eu o culpado d'isto... (*Dirige-se a Felizardo*) Desculpa-me Felizardo; o causador involuntario de tudo isto fui eu, que reclamei esta desinfecção em tua casa e esqueci-me de dar contra ordem.

FELIZARDO.—Reclamaste uma desinfecção em minha casa! Pois tenho aqui alguma cousa pôdre? Decididamente, todos conspiram contra mim!

VASCONCELLOS.—Socéga. Tudo se explica.

E' que alguém escreveu-me que tua mulher estava com bexigas confluentes.

FELIZARDO.—Com bexigas confluentes! Antes estivesse. Infelizmente, está san e rija como um frade de pedra. Mas quem te escreveu essa carta?

VASCONCELLOS.—Foi um devedor meu, foi o Arthur Bomsucesso...

FELIZARDO.—O Arthur! o meu futuro genro!

GOUVEIA.—(*Acabando de mastigar*) E a mim assegurou-me que estavas com febre amarella e que, além disso, havia escarlantina no bairro.

FELIZARDO.—O que me estão dizendo! Decididamente, eu já estou doido varrido! (*Dá uma gargalhada*) Esta agora! De um lado é a mulher a envenenar-me!.. do outro é o fature genro a inventar molestias! Mas, com que fim faria elle isso?

GOUVEIA.—Não sei; o que te posso assegurar é que, por causa d'esses carapetões vim eu da roça e já enguli hoje mais de vinte pilulas preservativas de febre amarella. (*Para Vasconcellos*) O engraçado é que ellas augmentaram-me o apetite.

1.º DESINFECTADOR.—(*Approximando-se de Felizardo*) Agora, que o patrão já sabe de tudo, dê-nos uma molhadura.

FELIZARDO.—(*Exasperado*) Põem-me a sala n'este estado e ainda em cima querem molhadura!... Em molhadura deixaram-

me vocês a casa, seus malandros Vamos, saiam, saiam d'aqui, quanto antes.

2.º DESINFECTADOR.—Ao menos compre-nos uns bichinhos; nós também vendemos.

FELIZARDO.—Uns bichinhos! (*á parte*) Ai! que estes são dos taes que fornecem cóbras e jacarés á Jacintha. Ora, sempre quero saber o que eu teria de comer hoje (*Alto*) E que bichinhos vendem vocês?

2.º DESINFECTADOR.—Vendemos de todos, mas hoje dizem que é o dia do camello. Vai, então, um camellino, patrão?

FELIZARDO.—(*á parte*) Está feito; não era das peiores drogas. Para quem já comeu cóbra, jacaré e estava ameaçado de comer burro, o tal camello devia ser uma delicia.

VASCONCELLOS.—Que estás tu ahi a dizer, Felizardo; despacha os homens e vamos almoçar (*Para os desinfectores*) Aqui ninguem quer bichos. Tomem lá (*Da-lhes di-nheiro*) e vão com Deus.

(*Os desinfectores agradecem e saem. Entram Jacintha, Emilia, Laura e Affonso pela direita*).

Scena XIX

FELIZARDO, VASCONCELLOS, JACINTHA, EMILIA, LAURA, GOUVEIA E AFFONSO

JACINTHA.— Que demora foi essa? o al-

moço está frio (*Reparando na sala molhada e suja*) Que cheiro! O que foi isto?

EMILIA.—Que cheiro de acido phenico!

LAURA.—Parece que fizeram uma desinfeção.

VASCONCELLOS.—Foi de facto o começo de uma desinfeção.

JACINTHA.—Mas, para que? quem a reclamou?

VASCONCELLOS.—Eu, e já expliquei ao Felizardo que o fiz porque recebi uma carta do Arthur Bomsucesso prevenindo-me que você estava com bexigas confluentes.

JACINTHA.—(*Recuando, espantada*) Com bexigas!

LAURA.—E a meu pai assegurou que o padrinho Felizardo estava com febre amarella.

JACINTHA.—Com febre amarella! E com que fim inventou elle essas cousas?

AFFONSO.—Com o fim de afastar os credores que o perseguem por toda a parte e poder realizar o casamento com a prima Emilia, antes que o tio Felizardo soubesse que elle já estava arruinado.

FELIZARDO.—Ah! o canalha! Onde está elle que o quero enganar.

(*Ouvem-se passos lentos ao fundo*).

EMILIA.—Eil-o que começa a subir a escada.

FELIZARDO.—Vou dar-lhe a lição que merece. (*Para os circunstantes*) Escondam-se; escondam-se e fiquem attentos ao que se vai passar. No momento opportuno eu os chamarei (*Diz algumas palavras em voz baixa ao ouvido de Vasconcellos e Afonso*).

Todos saem, uns pela direita outros pela esquerda, excepto Felizardo, que se encosta ao fundo junto á porta. Entra Arthur sem dar pela presença de Felizardo.

Scena XXX

ARTHUR E FELIZARDO

ARTHUR.—(*Parando subitamente no meio da sala*) Hi! que cheirro! A casa toda molhada! Que seria isto? (*Olha para todos os lados e dá com Felizardo que já vem descendo lentamente*).

FELIZARDO.—(*Com ar triste*) Não extranhe, Snr. Arthur, isto foi uma desinfectção; entrou-nos a macaca em casa.

ARTHUR.—O que? pois deu hoje o macaco? (*á parte*) E eu que empreguei os ultimos vinte mil réis no carneiro e no touro...

FELIZARDO.—O Snr. não me entendeu; quiz dizer que nos entrou o caiporismo, a fatalidade, em casa.

ARTHUR.—Ah! bom... o caiporismo. (*Risonho*) Isso agora é outro fallar. (*á parte*) Inda tenho esperança, não estão perdidos os vinte mil réis. (*Alto*) Mas o que foi que succedeu? (*Macio*) O meu illustre futuro sogro peiorou dos seus encommodos?

FELIZARDO.—Não se tracta de mim. (*Suspirando*) Tracta-se de minha filha, da sua noiva, que está atacada do cholera.

ARTHUR.—(*Dando um salto*) Do cholera! (*Tremendo*) Do cholera! Que horror!

FELIZARDO.—Do cholera, sim, e infelizmente não ha esperança de a salvar (*Fingindo que chora*) Vai o Snr. perder a sua idolatrada noiva e eu a minha rica filha. (*Soluça*).

ARTHUR.—(*Fingindo-se sensibilizado*) Oh! mas que fatalidade! (*á parte*) Preciso safar-me, se fico aqui, estou frito. Cholera não é molestia de arriscar...

FELIZARDO.—E o peor é que a criada tambem já está atacada do mesmo mal e parece que ha mais casos na vizinhança! (*continúa a soluçar*).

ARTHUR.—(*Desvairado*) E' então uma verdadeira epidemia! (*Aterrado, á parte*) Não ha tempo a perder, preciso sahir já, senão deixo aqui a pelle. (*Alto, aproximando-se de Felizardo*) Pois, Snr. Felizardo, lamento muito a sua e... a minha desgraça, mas

o Snr. vai desculpar-me; tenho um negocio urgente e preciso sahir.

FELIZARDO.—(*ocultando o rosto, a fingir que soluça*) Sahir! pois o Snr. não quer ver a sua querida noiva? dizer-lhe o ultimo adeus?

ARTHUR.—(*Atrapalhado*) Sem duvida, que-ria, quero... mas o negocio é urgente; eu voltarei... não me demoro nada... (*Caminha para a porta*).

FELIZARDO.—(*Interceptando-lhe a passagem—Supplicante*) Não... não vá... tenha pasciencia, eu preciso de alguem que me console, que me dê alento neste transe doloroso...

ARTHUR.—Mas tem sua mulher, tem o Snr. Gouveia e a filha; vá se consolando com elles, eu volto já. (*Investe para a porta.*)

FELIZARDO.—(*Retendo-o*) O Gouveia e a filha já não existem, foram os primeiros atacados e logo succumbiram. Minha mulher tambem precisa de quem a console... já está com os primeiros symptomas.

ARTHUR.—(*Aterrado*) Então é o cholera fulminante! Que horror! (*Procurando desembaraçar-se*) Deixe-me, deixe-me, Sr. Felizardo; eu não quero morrer sem resolver primeiro o meu negocio, que é urgente. Eu já volto. (*Faz esforços por desembaraçar-se de Felizardo.*)

FELIZARDO.—(*Retendo-o sempre*) Não... pelo amor de Deus, não saia. Eu preciso do Sr. junto de mim... preciso de quem me tracte porque tambem já estou sentindo os primeiros symptomas da molestia (*Torcendo-se*) Ai... ai... ai!... que dôr... horrorosa... aqui... (*Aponta para o estomago*) Pelo amor de Deus, vá-me buscar um copo d'agua... Que sêde! que sêde horrivel!... ai... ai... ai! (*Impelle Arthur para a porta da direita*)

ARTHUR.—(*Radiante á parte*) Copo d'agua!.. Espera por isso. Eu vou, mas é pôr-me ao fresco pela porta do quintal.

(*Ao penetrar na porta, á direita, esbarra em Vasconcellos que, cambaleante, de olhos esbogalhados, o segura.*)

Scena XXXI

FELIZARDO, ARTHUR E VASCONCELLOS

VASCONCELLOS.—(*Arrastando Arthur para dentro da sala*) O' doutor, salve-me, salve-me... eu morro.

ARTHUR.—(*Aterrado*) Outro choleroico! E é o Vasconcellos, o meu credor! Meu Deus, estou perdido! (*Faz esforços por desembaraçar-se de Vasconcellos, que o retém.*)

FELIZARDO.—(*Torcendo-se*) Agua, agua, dê-me agua! Morro de sede e de dores. Agua! Ai... ai... ai!...

ARTHUR.—Que situação, meu Deus! Desta vez não escapo. A molestia é contagiosa e eu também já estou sentindo dores e sede!

Que horror! Tenho a garganta secca, falta-me o ar. E' preciso sahir... sahir já. (*Faz novos esforços por desembaraçar-se de Vasconcellos. Felizardo caminha cambaleando e também o segura.*)

FELIZARDO.—Tragam-me agua... eu morro... agua... agua...

VASCONCELLOS.—Ai, ai, ai! que dôr horrôsa!

ARTHUR.—Estes malditos não me largam! Que fatalidade! Pois hei de morrer aqui, estupidamente, de cholera, sem defesa? Não, vou chamar, vou pedir socorro. (*Gritando*) Acudam, acudam!...

(*Apparece Affonso*)

Scena XXXII

FELIZARDO, VASCONCELLOS, ARTHUR
E AFFONSO

AFFONSO.—O que é isto? O que succedeu?

ARTHUR.—Salve-me, Snr. Affonso, livre-me destes homens, que estão com o cholera e não me querem largar.

AFFONSO.—Pois também já deu aqui o cholera? Que horror! Da minha visinhança já

sahiram cinco cadaveres e consta-me que ha muita gente atacada, pela cidade. Eu fugi para aqui a ver se escapava. (*Levando subitamente a mão á barriga*) Ai! que dôr, que dôr horrivel! (*Caminha, torcendo-se, para o grupo e também segura Arthur*)

ARTHUR.—(*Desvairado*) Mais um com o cholera! Estou irremediavelmente perdido! (*Desmaia*)

VASCONCELLOS.—O homem desmaiou de medo (*Dá uma gargalhada*). Vamos estendel-o n'uma poltrona, que elle pesa como chumbo. *Os tres, rindo ás gargalhadas, conduzem Arthur para um canto da sala e estendem-n'o n'uma poltrona.*)

FELIZARDO.—(*Fallando alto para as portas*). Agora pôdem entrar, que a lição já está dada.

(*Entram todos.*)

Scena XXXIII

OS MESMOS DA SCENA ANTERIOR,
JACINTHA, GOUVEIA EMILIA E
LAURA

GOUVEIA.—(*Expansivo*) Vocês fizeram a cousa tão ao vivo que eu cheguei a pensar que estavam realmente atacados do cholera.

VASCONCELLOS.—(*Gracejando*) Aposto que tomaste uma pilula?

EMILIA.—(*Sorrindo*) Tomou tres que eu vi.

FELIZARDO.—(*Radiante*) E então? que dizem da lição que demos ao malandrim?

LAURA.—Foi de mestre.

EMILIA.—(*Alegre*) Eu pensei que morria de riso.

JACINTHA.—(*Para Felizardo*) Ficaste então conhecendo bem o noivo que arranjaste para a nossa filha? Foi uma boa lição.

FELIZARDO.—(*Tornando-se serio*) De uma como esta tambem você precisa, sua jarraca...

AFFONSO.—O que está ahi a dizer, meu tio?

VASCONCELLOS.—O que é isso, Felizardo?

FELIZARDO.—Eu preciso desabafar. A presença desta mulher horrorisa-me, faz-me perder a razão. (*Para Jacintha.*) Traidora! Assassina!...

JACINTHA.—Isso agora é forte. Que significam esses insultos? Perdeu o juízo? o pouco que tinha?

AFFONSO.—(*Serio, caminhando para Felizardo.*) Faz-se preciso que nos entendamos, tio Felizardo; é indispensavel desfazer de uma vez suspeitas infamantes, injustificaveis. A tia Jacintha, saiba-o, é a mais honesta das mulheres e a mais dedicada das esposas. Que provas tem o Snr. em contrario para insultal-a assim, publicamente, sem respeitar sequer a presença de sua filha?

FELIZARDO.—Quanto á honestidade, sim, tal-

vez seja exagero meu, simples suspeita, porque nunca obtive as provas que procurei; mas a respeito de dedicação como esposa, posso avalial-a pelas cóbras e jacarés que ella me deu a comer...

JACINTHA.—(*Espantada*) Cobras e jacarés! Quando? quando lhe dei isso a comer? Você está louco.

FELIZARDO.—(*Radiante*) Ah! quer saber? Pois saibam todos que ella me deu cóbra no dia 14 e jacaré no dia 15. Aqui estão as provas. (*Tira do bolso as notas de despesas que mostra aos circumstantes, que se reúnem para vel-as.*)

JACINTHA.—(*Dando uma gargalhada*) Agora comprehendo tudo. E' o meu joguinho no bicho que alarmou este pateta. (*Dá outra gargalhada.*) Bem; já agora é preciso desvendar o meu segredo. Ouçam; Querendo comprar a *vitoria* do Dutra, que está á venda, comecei a jogar no bicho, sem que o Felizardo soubesse, para surprehendel-o um dia com o carro e a parelha; e, com tal sorte joguei sempre, que já tenho na Caixa Economica cerca de dous contos de lucro. Ainda hoje apanhei 350\$000 n'uma dezena do gato. Eis ahi como eu dava cóbras e jacarés ao pedrão do meu marido.

FELIZARDO.—(*Envergonhado — á parte*) Tambem eu agora comprehendo tudo. Realmente, fui um pedaço d'asno. (*Approxima-se*

de Jaciutha e abraça-a). Está bom, minha Jacintha, perdoa-me as immerecidas offensas e as suspeitas infamantes e leva tudo isso á conta da maldicta dyspepsia, que me persegue.

JACINTHA.—E jura que não reincide.

FELIZARDO.—Juro.

JACINTHA.—(*Abraçando-o.*) Estás perdoado. (*Para Affonso*). Approveita a occasião, que elle agora está de bom humor.

AFFONSO.—(*Approximando-se de Felizardo*). E agora, meu tio, que o Snr. já perdeu todas as illusões sobre o marido que destinava á sua filha e já se convenceu de que tem uma esposa digna, honesta e dedicadissima, a ponto de lhe querer dar carro, não me quererá para filho, unindo o meu destino ao da sua adorada Emilia?

FELIZARDO.—Homem, isso depende d'ella.

EMILIA.—Pois, se depende de mim, tudo está feito, papai, porque é meu desejo casar com o primo Affonso.

FELIZARDO.—Pois, então, cazem-se e sejam felizes, que eu tambem o serei. (*Reune-os e põe a mão de um sobre a de outro.*) Vamos, abracem-se.

(*Affonso e Emilia abraçam-se*).

VASCONCELLOS.—Tudo está bem, quando acaba bem.

GOUVEIA.—Só eu não me sinto bem, porque não consegui almoçar ainda.

FELIZARDO.—Pois vamos almoçar todos.
(*Batem ao fundo*).

FELIZARDO—Quem é?
(*Surgem dous empregados do hospital do isolamento trazendo uma maca*).

Scena XXXIV

OS MESMOS E OS EMPREGADOS DO HOSPITAL

O 1.º EMPREGADO—(*Pousando a maca e adiantando-se de bonet na mão*) Somos do hospital de isolamento e temos ordem para remover d'aqui o varioloso.

FELIZARDO—O varioloso!... (*Pausa—Batendo na testa*). Oh! que ideia! Que magnifica ideia!.. (*Para os empregados do hospital*). O varioloso está ali. (*Apona para Arthur*). Podem levar-o. (*Faz signaes aos circstantes*).

Todos sorriem, olham-se; Gouveia, Vasconcellos e Jacintha dão signal de contentamento esfregando as mãos.

O 1.º EMPREGADO—(*Para o 2.º empregado*). Bem; então vamos metter o doente dentro da maca. (*Para os circstantes*). Os sen.res não de ajudar, por favor, que o homem parece pesado.

VASCONCELLOS—(*Adiantanda-se*). Eu ajudo.

FELIZARDO.—E eu tambem.

Os empregados do hospital conduzem a maca para junto de Arthur e, ajudados por Vasconcellos e Felizardo metem-n'o dentro da maca, que levam para junto da porta do fundo. Durante esta scena, todos riem á sucapa, dando signaes de contentamento e falando baixinho.

ARTHUR.—(Acordando do desmaio e olhando para o grupo, admirado). A filha de Gouveia e a Emilia! O que! resuscitaram?! Estou delirando, com certeza. (Percebendo que está dentro da maca e levantando-se a meio). Que diabo é isto? Onde estou eu? Para onde me levam?

GOUVEIA.—(Para os empregados do hospital). Não façam caso, levem-n'o; isto é o delirio. Que horroroso delirio! (á parte) Cachorro! que me fez engulir mais de vinte pilulas!

ARTHUR.—(Fixando Gouveia e esfregando os olhos). Outro resuscitado! Que horror! Não ha defunto que me não appareça! Toca a safar. (Tenta sahir da maca, mas é impedido pelos empregados, que o subjugam e obrigam a deitar-se. Arthur desmaia ontra vez e os empregados transportam a maca para fora da porta).

Scena XXXV

OS MESMOS, MENOS ARTHUR E OS EMPREGADOS DO HOSPITAL

VASCONCELLOS.—(Rindo). O poltrão desmaiou de novo!

LAURA.—(Rindo). Foi pena, porque eu queria dar-lhe a novidade do cazamento da Emilia com o Snr. Affonso.

FELIZARDO.—Pois mande-lh'a em cartão postal para o hospital,

GOUVEIA.—(Esfregando as mãos). Estamos vingados! O galopim vai ver boia no isolamento.

VASCONCELLOS.—Foi uma bôa peça! Afinal, o meu aviso á Directoria do Serviço Sanitario sempre serviu para alguma cousa...

JACINTHO.—Ora, se serviu! foi uma peça de mestre e uma desforra inesperada.

GOUVEIA.—Foi bôa, foi; mas, agora, que tudo está acabado, vamos tambem acabar de almoçar, que eu morro de fome.

VASCONCELLOS.—Vamos, vamos beber á ventura dos noivos.

(Dirigem-se todos, em fila, para a direita e vão entrando pela porta, ficando Felizardo atraz.—Surge á porta do fundo um vendedor de bilhetes do bicho).

Scena XXXVI

O VENDEDOR DE BICHOS
E FELIZARDO

O VENDEDOR.--(*Da porta*) Então, patrão,
que bichinho vai hoje?

FELIZARDO.--(*Parando e sorrindo*). Hoje,
vai o burro, que é o que eu tenho sido.
Podes trazer, logo, quatro dezenas.

CAE O PANN0

FIM.

São reservados todos os direitos na forma da lei
